

Palavras do Director
na abertura das aulas do ano 2002 / 2003

(21 de Setembro de 2002)

A existência da nossa Escola corresponde a um desiderato do Concílio Vaticano II, expresso no nº 115 da Constituição Sacrosanctum Concilium, no capítulo dedicado à música sacra. Foi há 39 anos (4.12.1963)! Se atendermos à rapidez das mutações sociais e culturais do nosso tempo, devemos concluir que andamos atrasados. Há ainda muito caminho a andar para se atingir a reforma litúrgica então sonhada e prescrita.

Logo no início da SC, o nº 2, afirma que pela liturgia – sobretudo na celebração da Eucaristia –, “se realiza a obra da nossa redenção”. A liturgia, portanto, faz parte integrante da existência cristã. Viver principalmente a celebração do domingo é uma necessidade vital. Mas isto já vem desde os tempos apostólicos.

Estimulante é, sem dúvida, o testemunho dos mártires de Abitena (Tunísia), no início do séc. IV «Presos por se reunirem ilicitamente, 31 homens e 18 mulheres compareceram, em 12 de Fevereiro de 304, em Cartago, diante do procônsul Anulinus. Repreendendo-os este por desobedecerem aos éditos imperiais, o sacerdote Saturnino respondeu: “Nós temos que celebrar o dia do Senhor, é a nossa lei.” O leitor Emeritus, em casa de quem se reunira a comunidade, responde do mesmo modo: “Nós não podemos viver sem celebrar o dia do Senhor.” A jovem Vitória declarava, altiva: “Eu fui à assembleia porque sou cristã”.(1) » O domingo tem de ser isto mesmo: encontro festivo de irmãos com o seu Senhor e uns com os outros, experiência de unidade e fraternidade que encoraje para um bom desempenho da missão a cada qual confiada (pai/mãe, estudante no meio de estudantes, operário, agricultor, comerciante, etc...) na amizade, na lealdade, no respeito mútuo.

Permiti que relate um pequeno episódio ocorrido no XXVIII Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica. No último dia, após a celebração da Eucaristia e já fora da Basílica, um sacerdote encontrou uma jovem a chorar. Estás a sentir-te mal? - perguntou. — “Não. Depois disto, estou a pensar na pobreza das celebrações da minha paróquia. É por isso que estou triste”. (Conte, quem lá esteve)

Estes encontros de Fátima são normalmente marcados por uma forte vivência da liturgia. As celebrações são realmente festivas: ele é o grande órgão (e neste ano até flautas e trompetes!), ele é um bom coro de pessoas escolhidas e capazes, ele é uma assembleia preparada e com um guião nas mãos... São elementos que não se verificam em todo o lado. Um bom grupo coral desempenha um papel importante. Em cada caso concreto, porém, ter-se-á de ver o que é possível; e o que for possível realizá-lo com entusiasmo.

Já há 39 anos, a S.C. recomendou: «Promovam-se com empenho as Scholae cantorum...» (nº 114). Alguns anos depois (em 1967), a Instrução Musicam sacram insistia (nº 19): “Ter-se-á um coro e dele se cuidará com diligência...” E no nº 21 «Procure-se, sobretudo onde não haja possibilidades de formar ao menos um pequeno coro, que um ou dois cantores bem formados possam assegurar alguns cânticos mais simples com a participação do povo e dirigir e aguentar o canto dos fiéis...». O mesmo dizem os nn. 63 e 64 da IGMR.

Aqui está: um ou dois cantores bem formados. Que se deverá entender com esta expressão? Pelo teor dos documentos citados, nota-se que se referem a pessoas que sabem o que têm a fazer, como o devem realizar e com que objectivos finais, isto é, a glória de Deus e a santificação das pessoas (SC 112).

A EDMS já formou 72 operários para este “mercado de trabalho”, passe a expressão. Sei de pelos 2 deles que orientam, cada qual, vários grupos corais. Sei de uma outra pessoa que, não podendo prestar um serviço regular, aproveita certas circunstâncias particulares para ajudar a realizar uma boa celebração: escolhe e prepara os cânticos, prepara folhas para a assembleia, apresenta-se ao pároco e mostra-se disponível para orientar o canto. Se for aceite, ensaia os refrões a toda a assembleia, toma à sua conta a parte dos solistas e pronto! Diz-me: toda a assembleia canta e, no fim, mostram-se todos satisfeitos com tal celebração. [Em Fátima, nos dias de semana, é assim.]

As celebrações litúrgicas devem ser encontros festivos... Mas, por vezes, constata-se “desencontros” (ou desvios), Talvez por falta de preparação próxima ou por ignorância:

leitores “mobilizados” na hora; cantores (onde há) a escolher os cânticos 5 minutos antes ou durante as celebrações; a intervenção de certos grupos que dispensam a participação da assembleia e mais parecem querer demonstrar as suas capacidades musicais! [Tenho um caso que dá para entender... na Ponte de Vagos – Aveiro]. E outras anomalias(microfones não testados, Missal não registado...).

Não posso, não devo nem sei julgar se Deus é louvado ou não; não sou capaz de avaliar se as pessoas foram ajudadas no seu crescimento espiritual, saem mais entusiasmadas para viver a sua comunhão com Deus e com os irmãos... Só o estilo de vida da comunidade celebrante poderá dar a entender se tais celebrações contribuem para estimular as pessoas a uma vida mais santa, isto é, mais conforme aos ensinamentos de Jesus Cristo.

É necessário celebrar com dignidade, o que pressupõe uma preparação séria. É essa a razão do nosso esforço, aqui. A meu ver, os “desvios” referidos, podem ser produzidos ou por pessoas não suficientemente preparadas ou por outras que, embora capacitadas, não se dispõem a preparar cuidadosamente as celebrações. O Espírito Santo, como escutámos há pouco na leitura da carta aos Efésios, concede dons especiais em ordem ao serviço da comunidade. Entre esses dons está também o temor de Deus (santo receio de não cumprir a sua vontade). Diz o salmo 111, 1: Feliz o homem que teme ao Senhor e ama ardentemente os seus preceitos”. E no livro dos Provérbios (1, 7) está escrito: “O temor de Yaweh é o princípio do saber...” É bom, portanto, agirmos sempre no “temor do Senhor”, o mesmo é dizer: com seriedade. Diziam os antigos: sancta, sancte, as coisas santas devem ser tratadas santamente.

No início de mais um ano lectivo, quis partilhar convosco esta minha reflexão. Que todos possamos acolher bem o honroso convite que o Senhor fez “naquele tempo”e continua a fazer “hoje”a todos nós: “Ide vós também para a minha vinha”. Há muito a fazer.

(1) A. G. Martimort, Coord., A Igreja em Oração, Mosteiro de Singeverga, 1965, pág. 779.